

URBANISMO

A orla norte do Lago Paranoá está quase toda fechada. Das 103 pontas-de-picolé, cujo terreno custa em média R\$ 1 milhão, apenas quatro continuam livres para uso coletivo do espelho d'água

DF - INVASÃO

Acesso para poucos

“Evitou-se a localização dos bairros residenciais na orla da lagoa, a fim de preservá-la intata, tratada com bosques e campos de feição naturalista e rústica para os passeios e amenidades bucólicas de toda a população urbana. Apenas os clubes esportivos, os restaurantes, os lugares de recreio, os balneários e núcleos de pesca poderão chegar à beira d'água (...)

Lucio Costa em Brasília, cidade que inventei

ALINE FONSECA
DA EQUIPE DO CORREIO

A previsão do urbanista Lucio Costa era de um lago para todos, mas 44 anos depois, o Paranoá é para

poucos. Os generosos 37,50 km² de área têm uma distribuição mesquinha — e ilegal. No Lago Norte, o espelho d'água tem dono, ou donos: são os 84 moradores das pontas-de-picolé, que privatizaram a orla.

Os píeres, a paisagem bucólica e o acesso às águas agora são exclusivos dos endinheirados. O terreno de uma ponta custa em média R\$ 1 milhão, valor alto, mas que, por lei, não dá ao proprietário o direito de ficar com o lago. O **Correio** visitou 103 conjuntos das QLS 02 a 16 do Lago Norte e constatou que a orla está fechada para o brasiliense. Nenhuma casa de ponta-de-picolé preservou a passagem para o lago.

Existem 84 pontas ocupadas e 19 terrenos vazios. O acesso público, onde qualquer um, mora-

dor ou não do Lago Norte, pode chegar à orla está fechado em 99 endereços. Só existem quatro acessos preservados, os quatro estão em conjuntos onde não há casas na ponta-de-picolé. As construções irregulares estão na mira do Governo do Distrito Federal (GDF). Fiscais da Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh) estão vasculhando toda a orla. A partir de 1º de julho, os ocupantes de lote que não estiverem em processo de adequação serão multados.

Na concepção urbanística da cidade, as QLS tinham becos em forma de L — entre a contraponta e a ponta. Seria uma área estreita, de uso coletivo, e com um único objetivo: levar a comunidade até as margens do Paranoá. Mas a utopia de uma orla livre se perdeu.

Todos os donos de pontas fecharam as passagens para o lago. Alguns, 65 de um total de 300, mantêm apenas a parte do beco entre a ponta e a contra-ponta. A maioria dessas passagens não leva a lugar nenhum porque estão cercadas. Outros ligam um conjunto a outro. Confira abaixo os quatro acessos ao Lago Paranoá que continuam desimpedidos:

Conjunto 3 da QL 10

O caminho para o Paranoá é parte em chão batido, parte calçado. Está ao lado de um terreno baldio. A visão, quando se chega ao fim do beco é recompensadora, mas restrita: o lago pode ser visto em uma faixa de cerca de seis metros, mas está apertada entre um lote construído e outro com mato alto.

O proprietário do lote da pon-

OS DONOS DO LAGO

No plano urbanístico do lago, existem becos — área contígua de uso comum que daria acesso ao lago. Somente 65 estão abertos e 4 chegam ao Paranoá, pois os terrenos da ponta não têm construção. Os acessos estão nas seguintes localidades:



ta, a pedido da vizinhança, não fechou o beco. “Costumava pescar ali quando era criança, era muito bacana. Algumas pessoas que têm barcos no conjunto utilizam a passagem”, conta o empresário Alfredo, 32 anos, morador do conjunto e que preferiu não se identificar com o nome completo.

Conjuntos 1 e 4 da QL 12

Outros dois becos livres. O motivo é o mesmo, o dono do lote da ponta ainda não construiu no terreno. No conjunto 1, o acesso é dificultado pela má conservação do lugar. O mato atrapalha a caminhada até as águas.

Os moradores do conjunto 4 asfaltaram a passagem, mas colocaram uma grade com cadeado. “E só existe porque o dono da ponta nunca construiu. É

gostoso poder ir ao lago, mas vamos ver até quando vai dar”, opina Vanina Lobo, 25 anos, moradora da QL 12.

Conjunto 2 da QL 16

O último acesso livre para o lago. A ponta está vazia e sem cercas. A passagem está livre até para carros. A vizinhança não gosta da bagunça e do barulho que jovens fazem quando vão ao beco. “O correto é que todo mundo use, não pode ser privilégio de poucos, só não pode fazer zona”, defende a moradora do conjunto, a analista de sistemas Wanda Maria Corrêa, 59 anos, que se mudou há três anos para o Lago Norte.

LEIA MAIS SOBRE ACESSO AO LAGO PARANOÁ NA